
*Transmissão e legado: questões sobre
a recepção da Recherche proustiana na
França da década de 1930**

*Transmission and legacy: questions about the
reception of the Proust's Recherche in France of the 1930's*

Paulo Rodrigo Andrade Haiduke*

Resumo: Com enfoque na obra literária *A la recherche du temps perdu* (publicada entre 1913-1927, no Brasil intitulada *Em busca do tempo perdido*), escrita pelo escritor francês Marcel Proust (1871-1922), esta análise tematiza algumas questões culturais que permearam a França durante a década de 1930. Através da atenção à recepção da obra proustiana no período posterior à sua publicação integral, esta abordagem indica alguns caminhos potenciais para compreender as representações e interpretações que os contemporâneos fizeram de questões, então cruciais, como os efeitos da Crise de 1929 e a elevação dos ideários nazifascistas. Por fim, este debate levanta outras questões, como a respeito do legado do período anterior às novas gerações, sua respectiva transmissão, e as reflexões sobre os rumos que aquela realidade parecia projetar.

Palavras-chave: História contemporânea da França. Literatura francesa. Recepção.

Abstract: With a focus on the literary work *A la recherche du temps perdu* (published between 1913-1927), written by the Frenchwriter Marcel Proust (1871-1922), this analysis the matizes some cultural issues that permeated France of the 1930's. Through attention to the reception of Proustian work in the period after its full publication, this approach points to some potenti always of understanding the representations and interpretations that contemporaries have made of then crucial issues such as the effects of the 1929 and the rise of ideologies nazifascists. Finally, this debate raises other questions, such as the legacy of the period before the new generations, their respective transmission, and the reflections on the course that reality seemed to project.

Keywords: Contemporary History of France. French literature. Reception.

* Uma pequena parte do presente artigo (inferior a 25%) foi apresentada na XXIII Semana de História da Unicentro (2015) e publicada nos respectivos Anais, com o título: Entre dilemas culturais e sociais: O que a recepção da obra proustiana expõe da França do entre guerras?

** Doutor em História (UFPR/2013). Mestre em História (UFPR/2009). Graduado em História (UFPR/2006). Professor Colaborador da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). *E-mail:* paulohaiduke@yahoo.com.br

A recepção da obra proustiana na França, durante as décadas de 1920 e 1930, por maiores que sejam as divergências e disputas, de maneira ampla, destacou que bem ou mal a *Recherche*¹ teria abordado como seu objeto um período de transição. Seja representando o final do século XIX, seja o início do XX, *fin-du-siècle* ou *Belle Époque*, o período antes da eclosão da Grande Guerra ou o período posterior ao conflito, muitos críticos e comentadores, em geral, apontaram para essa percepção do período como um período de ruptura. E o romance de Marcel Proust, publicado em diversos volumes, entre os anos de 1913 e 1927, esteve intimamente envolvido nesse debate sobre o fim de uma era e o início de outra, balizada comumente pela Grande Guerra.

Nesse sentido, dentre os diversos debates nos quais foi envolvida, uma das discussões que melhor mostra isso é a modernidade (ou não) da obra proustiana, e das relações disso com a própria percepção da realidade pelos contemporâneos. Conforme destaca Hans Robert Jauss (2010), a percepção por parte de indivíduos de determinada época – como sendo modernos – está estreitamente ligada à identificação de sua singularidade histórica como diferente de determinado passado, do qual buscam se distinguir. (JAUSS, 2010, p. 173-229). Assim, a abordagem da querela sobre a modernidade, ou não, da obra proustiana mostra, claramente, que a crítica literária extrapola questões exclusivamente estéticas e oferece aos historiadores vias pelas quais os indivíduos interpretavam e davam sentido à sua própria realidade histórica. De fato, as disputas e discussões em torno de obras e escritores, sobretudo se, em algum momento, se tornaram importantes no campo literário, dizem muito a respeito de como se pensava e se julgava a própria realidade a partir de seus contemporâneos.

Tentando assim superar as visões mais simplistas e deterministas das relações entre Literatura e História, o uso da recepção, como críticas, comentários, cartas, entre outros registros relativos às impressões de leitura, se mostra com grande potencial. Ao invés de abordar o autor e sua obra como produtos totalmente determinados por seu respectivo contexto, ou transformar o artista num grande gênio metafísico capaz de se libertar completamente das restrições de sua época, o uso da recepção oferece outra maneira de pensar as relações entre texto e contexto.

Conforme destaca Roger Chartier, embora as representações da realidade criadas no passado resultem das complexas relações (econômicas, sociais, políticas, etc.) presentes naquele contexto, elas, de

alguma maneira, acabam recriando e transformando o espaço no qual se inserem. Ou seja, os discursos, sejam eles científicos, sejam eles ficcionais, como modalidades de registro da realidade, não apenas reproduzem, mas também reconstróem a realidade. (1990, p. 13-28).

Abordar a literatura não somente através do ato criador (foco no autor/obra), ou de suas condições (contexto), mas também através da recepção em determinado contexto, se mostra um método muito fértil às pesquisas históricas, visto que se abre à complexidade enorme que pode existir nas relações entre textos e contextos. Mais especificamente, o uso da recepção é um canal em que podemos ver algumas das formas pelas quais um texto atua em determinado contexto. Usando as reflexões de Dominick LaCapra, a recepção oferece aos historiadores meios de compreender alguns dos caminhos e processos por meio dos quais textos entraram em acordo com diversos contextos. (1991, p. 107-124). Dessa forma, a abordagem da recepção de um romance que se tornou um dos maiores cânones literários ocidentais do século XX, como é o caso da *Recherche*, leva o historiador a pensar no processo de sua criação, publicação e recepção como um evento histórico imbricado em diversas temporalidades, que possuem suas próprias historicidades, e que, de alguma maneira, são alteradas por esse novo elemento.

Extrapolando algumas discussões de Pierre Bourdieu sobre o campo literário francês, essa perspectiva não está nem um pouco distante da compreensão da obra de arte como um artefato construído historicamente e apreendido socialmente, processo dentro do qual a recepção tem um lugar de destaque, visto que é o fechamento do ciclo onde determinada produção cultural recebe, ou não, o estatuto de obra de arte. (BOURDIEU, 2005). Ou seja, essa abordagem historiográfica, de algum modo acaba levantando a questão: Como determinado artefato cultural, neste caso a *Recherche* proustiana, pôde se consolidar como obra de arte?

Inspirando-se em um cânone da historiografia francesa, mas deixando claro que esta abordagem não projeta construir uma história das mentalidades da França no entreguerras, pode-se destacar, aqui, o conselho de Lucien Febvre de como evitar o anacronismo, em sua famosa obra sobre François Rabelais: compreender como escritores e suas obras, no caso aqui em questão Marcel Proust e a *Recherche*, puderam e foram lidos em determinadas épocas. (FEBVRE, 1970, p. 11-20).

Nesse caso, a determinada época que é o objeto deste artigo não diz respeito ao período em que a obra foi publicada e pôde, assim, ser lida pela primeira vez, mas ao contexto imediatamente posterior.² Ou seja, o foco deste ensaio é analisar algumas das leituras e interpretações feitas pelos críticos principalmente na década de 1930, período nascido da grande crise econômica de 1929, e que foi marcado também tanto pela difusão do comunismo quanto pela ascensão das ideologias e regimes nazifascistas.

Esta abordagem tangencia, de diversas maneiras, o problema vinculado à transmissão da obra proustiana como cânone literário e monumento histórico. E isso, por sua vez, parece inseparável da análise das relações de aceitação ou recusa da obra proustiana com a própria conjuntura do entre guerras, marcada pelas novas realidades da crise econômica, da eclosão dos regimes autoritários na Europa e da própria iminência de novo conflito bélico. Em suma, busca-se, neste estudo, também entender como, na década de 1930, críticos e historiadores da literatura na França articulavam seu presente com o passado imediato, e quais eram as implicações disso nas expectativas de futuro.

Dando continuidade às suas críticas durante a recepção da obra proustiana no período de sua publicação original, Edmund Jaloux (um dos mais profícuos exegetas proustianos), em texto de 1931, volta a destacar como Proust ainda seria o grande psicólogo e sociólogo de uma sociedade. Mas de qual sociedade? Tal como a interpretação dada por Walter Benjamin em seu texto *A imagem de Proust*, de 1929, Jaloux recebia a *Recherche* como sendo uma grande análise de questões referentes ao fim do século XIX, e não ao seu período contemporâneo. (JALOUX, 1931, p. 289-309; BENJAMIN, 1994, p. 36-49).

Outro texto interessante nesse sentido foi publicado por Robert de Saint-Jean em 1932 (dia 18 de novembro, no *Figaro*, e no dia 19, na *Revue Hebdomadaire*), no qual parte, justamente, de uma questão que esteve presente durante praticamente toda a publicação original da *Recherche*, mas que parecia então surpreender: a unidade da obra vista através do distanciamento. De qualquer forma, mesmo criticando Proust como um idolatra da arte pela arte, separado e distante do respectivo mundo, Saint-Jean destacou que a realidade histórica da obra poderia ser vislumbrada justamente por não ser mais atual. Ou seja, parte também da interpretação da obra proustiana como uma espécie de retrato de um mundo que não mais existia. (SAINT-JEAN, 1932, p. 330-338).

Muitas vezes, essa recepção da *Recherche*, como o retrato de uma realidade passada, era feita justamente para levantar questões sobre o presente e seus problemas. Assim, a recepção da obra de Proust, na década de 1930, foi mobilizada também para indagar acerca dos problemas do próprio presente, os quais muito angustiavam críticos como Georges Cattau e Léon Pierre-Quint: a crise do capitalismo simbolizada pelo ano de 1929; o engajamento político dos artistas; e a ascensão das ideologias nazifascistas. Nessa vertente, destacou-se o questionamento sobre o que o romance e seu respectivo autor (Marcel Proust) poderiam transmitir às gerações de franceses que viviam e se angustiavam com crises e dilemas econômicos, políticos, culturais e sociais do entreguerras, o que significou de maneira análoga uma avaliação do legado, positivo e/ou negativo, do longo século XIX à posteridade e, principalmente, para a conturbada década de 1930.

Assim, Saint-Jean se perguntava: Afinal, quais seriam as relações entre Proust e a então geração da inquietação, assim denominada pelo crítico? E o argumento sobre o período em crise aparece para explicar que conturbação e crise não eram terrenos favoráveis às obras de arte tidas como *desinteressadas*. De qualquer modo, o prognóstico de Saint-Jean não era bom, visto que o crítico interpretava o então contexto da década de 1930 como de recrudescimento do “proustianismo”. E fazendo louvor à canonização de Proust, ele afirmava que só após essa fase é que o “Tempo Perdido e Redescoberto” se tornaria histórico, como último passo do seu firmamento literário. Mas, se pergunta, no final o colaborador da *Revue Hebdomadaire*: Em qual França e Europa? O que é interessante notar, aqui, é que a interpretação da ruptura não se dava como um corte ocorrido num momento específico, mas como um processo que vinha ocorrendo há algum tempo e que ainda não era possível identificar quando cessaria.

Conforme Albert Thibaudet, um dos mais respeitados críticos literários franceses do período, Proust ascendia, naquela época, como o grande ícone da literatura francesa. Seu romance da duração, de certa forma em sintonia com as discussões de filósofos como Bérghson e, inclusive, com a nascente historiografia dos *Annales*, fazia do autor da *Recherche* o novo signo literário da época, em substituição a outros ícones, como, por exemplo, André Gide. (THIBAUDET, 1939, p. 234-246).

Defensor engajado do modernismo literário, Thibaudet via com entusiasmo o pós-Grande Guerra como transbordante de originalidade

e alçava Proust à posição motriz deste movimento: “O nascimento do mundo proustiano forneceu um clima positivo para o nascimento de outros mundos.” (THIBAUDET, 1939, p. 245).³ Sua defesa das novidades do modernismo levava esse crítico a interpretar a dita inquietação de maneira positiva, pois seria justamente o que movia literatos em busca de novos mundos. O legado proustiano, neste norte, era visto como mais vinculado ao seu lugar, como novidade literária, ou seja, como incentivador da literatura modernista na França.

Essas são algumas das tendências que, ao longo da década de 1930, podiam ser notadas em relação à recepção e interpretação da obra proustiana. De fato, se a questão sobre o legado do escritor e sua obra se colocava de maneira muito incisiva, isso, de alguma maneira, estava ligado à noção de que o objeto da *Recherche* era já uma realidade muito distante. Afinal, críticos como Pierre-Quint e Cattau levantaram clara e abertamente a questão: O que Proust, sua obra e um período da história da França que não mais existia tinham para transmitir e ensinar às novas gerações da década de 1930? Pergunta essa crucial para justificar, ou não, o valor de um romance que, entre 1919 e 1927, havia causado tanto furor na crítica literária e nos leitores em geral, sendo, então, possivelmente, um dos maiores epicentros dos debates literários e culturais.

Robert Brasillach destaca isso em texto de 1935, quando liga o realismo histórico de Proust justamente ao seu objeto já inatual. Nesse sentido, o crítico destacava muito mais o valor da técnica literária de abordagem do autor do que propriamente seus objetos. Técnica essa interpretada pelo crítico como uma maneira muito eficaz de unir passado e presente, mas também como método de desvelamento de realidades inconscientes. Na análise de Brasillach, é como se a canonização de Proust se mostrasse, nesse contexto, muito mais discernível, justamente pelo descompasso entre aquele longo século XIX e o novo e incerto século XX: por isso ele é, para o crítico, o verdadeiro escritor do período antes da guerra, embora sua técnica de sedimentação temporal acarretasse confusão metafórica entre duas épocas. Isso advinha também dessa tentativa de trabalhar, através da literatura, com coisas não tão bem discerníveis, inconscientes, pautadas muito na noção de que não se possui a realidade inacessível. (BRASILLACH, 1962, p. 65-121).

Nesse sentido, é muito mais a técnica proustiana, próxima do impressionismo, que interessa a Brasillach destacar: essa tendência que

busca representar as coisas num suposto momento anterior da classificação da consciência, que privilegia a confusão e que, para Peter Gay, foi um dos alicerces do modernismo artístico. (GAY, 2009). Portanto, sua renovação como romancista estaria justamente na tomada da ilusão dos sentidos como base de sua representação da realidade. E, nessa realidade, segundo o crítico, o que mais interessava para Proust era a duração temporal, e a tentativa de interpretar seu caos.

Nesse cenário, podemos interpretar os textos de Robert Brasillach, escritos entre 1931 e 1933, como destacando, de alguma maneira, que o principal legado de Proust à cultura francesa – o que, de alguma maneira, pressupõe sua ligação com as novas gerações, era o método de sua literatura que buscava eternizar a realidade infinita e involuntária. Porém, de maneira confusa e incerta, pois era justamente assim que a realidade aparecia para seus contemporâneos.

Ernest Seillière, próximo à *Action Française* e ao tradicionalismo, em seu livro de 1931 inteiramente dedicado à Proust, também destaca como o autor da *Recherche* seria o pintor de afrescos daquele mundo anterior à Grande Guerra, supostamente quando havia, ainda, doçura para se viver. De fato, esse crítico usa o livro de Proust para condenar a França da década de 1930, em oposição àquela *Belle Époque* ainda não americanizada e legitimista. Mas Seillière (1931) não coloca como causa do fim daquele mundo o grande conflito bélico, mas o Caso Dreyfus.⁴ Ele, sim, é interpretado como estopim de uma grande mudança de mentalidade. E exatamente por esse motivo, o livro de Marcel Proust, por se tratar de uma representação daquele mundo destruído, se constituía como grande acervo de fontes e documentos aos futuros historiadores da sociedade francesa. Mas em sua análise, que ambigualmente parece elogiar e condenar a *Recherche*, o crítico parece colocar Proust como estando na transição, mas ainda antes da anomia moderna. (SEILLIÈRE, 1931).

O que aparece aqui, nessas querelas, é um grande imbróglio que mistura diversas questões, entre elas, podemos notar a discussão sobre o período, objeto da *Recherche*, e sua definição como obra moderna ou não. Mas vemos também que o resultado desses juízos está intimamente ligado à própria avaliação da época vivida. Concomitantemente às questões estéticas, surgem avaliações sobre a arte pós-Grande Guerra e, com elas, juízos sobre a sociedade e a cultura francesas. Afinal, a década de 1930 era louvável ou não? Ocorre uma associação de ideias, não unívoca, que

leva o elogio ao modernismo literário, ao louvor de uma época de extrema efervescência cultural, como no caso destacado acima de Albert Thibaudet; e, por outro lado, um arraigado nacionalismo acabava por condenar a sociedade moderna como anormal e decadente, como refere Ernest Seillière (1931).

O crítico e catedrático em letras francesas Denis Saurat, em 1935, publicou um livro que buscava analisar quais seriam as bases dos *modernos* na literatura francesa. Partindo da oposição ao clássico e ao romântico, Saurat define o moderno como aquele pautado pela sensação, uma alternativa que buscava superar a descrença tanto na razão quanto na paixão. (SAURAT, 1935, p. 9-19).

De maneira um pouco jocosa, pode-se definir que a sensibilidade dos modernos, para Saurat, é justamente a apoteose da sensação. E, após essa breve introdução de seu livro, o crítico francês coloca Proust como o tipo mais bem-acabado de homem moderno, uma espécie de arauto desse mundo que não crê mais em um Deus que não seja algo antes sentido e experimentado. O que interessa muito, aqui, é que tal juízo de Saurat sobre a arte literária na França e, em específico, seus adeptos modernos, não se afasta da interpretação deste mundo na década de 1930 como um momento no qual a orientação de conduta estaria intimamente ligada à experimentação do mundo. Em consonância com as discussões de Koselleck (2016, p. 267-303), a incerteza com os rumos do presente em direção ao futuro teria levado os modernistas, segundo Saurat, a só confiarem na experiência com critério de ação no mundo.

Como espécie de herdeiros de Nietzsche, esses *modernos* analisados por Saurat (1935) recusam uma existência com algum Deus, o que, de certa forma, representaria um *a priori* de conduta anterior a qualquer experimentação. Mas, ao contrário de alguns opositores do modernismo literário, Saurat não vê nisso o caminho à imoralidade, mas uma possibilidade de construção de escalas de valor e moral. Desconfiar, recusar as certezas racionais e o arrombo da paixão, esses, sim, são os critérios para o *ser* no mundo desses modernos, diante de um presente e de um futuro cada vez mais sentidos como incertos.

Exatamente no ano em que se fechou a publicação e veio ao conhecimento geral o que teria sido o projeto proustiano inaugural, sua concepção cíclica da obra, a editora Gallimard, vinculada à *Nouvelle Revue Française*, lançou o primeiro volume do primeiro periódico dedicado exclusivamente ao autor da *Recherche*: os famosos *Cahiers Marcel*

Proust. Dois anos mais tarde, em 1930, *Le Rouge et le Noir* lançava o primeiro volume do *Bulletin Marcel Proust*, dirigido por dois exegetas proustianos: Louis Emié e Henri Bonnet.

O programa do boletim não deixava muitas dúvidas: organizar a glória daquele que, ao lado de Maurice Barrés, era considerado pelos organizadores o maior escritor da época. É interessante destacar que os autores partem em defesa da crítica literária, como algo que colabora muito com a arte, mas que, ou é ignorada, ou má-vista. “Consciência da Arte”, eis a identidade da crítica para esses proustianos, ou seja, aquela que traz a luz da inteligibilidade das coisas que passam obscuras. Nesse sentido, o programa de lançamento do *boletim* se concentra muito mais em defender a crítica literária em geral do que, especificamente, seu objeto Marcel Proust. Os críticos querem se colocar ao lado do que consideram verdades eternas: fazer parte da inteligibilidade da obra de arte verdadeira. Logicamente, isto é uma tentativa de justificar a crítica literária aos olhos de seus contemporâneos, talvez um pouco desconfiados e descrentes dessa atividade. Para um historiador que se defronta com tais justificativas, isso parece indicar que os críticos literários (no caso defensores da obra proustiana) se davam como tarefa, ao organizar a glória proustiana, criar uma possibilidade de transmissão da mesma para as gerações presentes e futuras. (BONNET; ÉMIÉ, 1930, p. 9-12).

Segundo o historiador francês Serge Bernstein, a década de 1930 foi marcada por uma sensação de ruptura no seio da sociedade francesa, após algumas décadas de união quase sagrada. De fato, conforme destaca o autor, o desejo pós-Grande Guerra de retornar à dourada *Belle Époque* se mostrava forte, mas, ao mesmo tempo, inviável. A sensação de crise, portanto, acabou eclodindo como inconformidade com a nova situação pós-conflito. A chamada guerra franco-francesa, segundo Berstein, levou a uma cisão enorme a sociedade francesa, sobretudo através da radicalização das ideologias e das práticas políticas nesse momento da Terceira República. (BERNSTEIN, 1985, p. 39-54).

As questões políticas, econômicas e culturais, em geral, se mostram claramente nos debates sobre literatura. Nesse sentido, usar o romance de Proust como um acontecimento e segui-lo através da crítica, tem se mostrado uma importante via para compreender, conforme destaca Koselleck, algumas das esperanças, anseios, angústias e sofrimentos dos contemporâneos através das interpretações e conceitos. (KOSELLECK, 2016, p. 267-303).

De fato, a *Recherche* foi envolvida desde sua primeira publicação, de maneira íntima, com a própria percepção e avaliação que seus leitores e intérpretes faziam da própria realidade na qual estavam inseridos. Nesse compasso, a discussão e o impasse acerca do objeto do romance de Proust, se o moribundo século XIX ou o incerto século XX, que parecia mais em aberto na década de 1920, parecem ganhar mais consenso no período seguinte. É muito mais unânime a avaliação da obra como um romance sobre o século XIX pelas críticas da década de 1930. E, talvez por isso, muitos defensores de Proust enfatizam tanto a técnica do romancista, mais divulgada como modernista, visto que ela poderia ser justificada de maneira mais fácil: como um legado às gerações presentes e futuras. Afinal, embora a época fosse sentida como um grande corte, e o objeto do romance proustiano visto como resquício obsoleto do passado, o método literário talvez pudesse ligar Proust às novas gerações.

Mas a sensação de nostalgia pela *Belle Époque* mantinha um pouco de sua força. E a obra proustiana tanto alimentava quanto disso também se nutria. O memorável romance sobre um período visto como dourado, mas findo, fazia da *Recherche* nessa conjuntura, um local para não mais recuperar ou redescobrir, mas para se lembrar de um período sentido como muito bom, mas que não era mais a realidade presente na década de 1930. Por isso, muitas vezes, a pergunta sobre o legado de Proust, nesse período, se revestia do próprio juízo sobre as transformações históricas e suas permanências e rupturas: Afinal, se aquele período anterior fora tão bom assim, teria algo para ensinar a essa nova conjuntura? Georges Cattau acreditava que sim, que era preciso fazer uma grande síntese e avaliação do período anterior, que deveria levar em conta o problema da utilidade da história, conseqüentemente, de sua transmissão. E nisso a obra de Proust, considerado como um monumento e documento pelos contemporâneos, ocuparia posição privilegiada. (CATTAU, 1935, p. 111-128).

Em 1935, Pierre-Quint, de certa forma já um exegeta proustiano, publicou um interessante artigo intitulado *Proust et la jeunesse d'aujourd'hui*, que seria somado à reedição de sua obra de 1925 inteiramente dedicada a Proust e ao seu romance. Também como Cattau, o crítico demandava uma resposta: Qual seria, afinal, a herança que Proust poderia ter legado às gerações que conviviam com os efeitos da crise econômica e o acirramento político e social de então? Introduzida por uma discussão sobre a participação de Proust como *dreyfusard* no

famoso caso, Pierre-Quint (1935, p. 369-420) apresenta a imagem preconcebida do escritor pela juventude de 1930: um solitário, individualista e desengajado da sociedade. A *Recherche* não faria mais tanto sentido à sociedade naquela conjuntura de crise econômica em busca de subsistência.

Léon Pierre-Quint apresenta, assim, uma conjuntura que demandava engajamento social e político e que desencorajava a recepção de Proust, pintor de uma época ao mesmo tempo abastada, decadente e indesejada. Em suma, a *Recherche* parece não dizer tanto sobre a realidade francesa na década de 1930 quanto na precedente.

O crítico tenta, assim, defender a obra proustiana como estando engajada com a busca da verdade. Seu olhar para o passado, aqui, não aparece como mera nostalgia pelos anos dourados da *Belle Époque*, mas como uma tentativa de compreensão daquele período do qual o presente teria, de alguma forma, emergido.

Em sintonia com a ascensão das ideologias e regimes de bases fascistas, Pierre-Quint utiliza seu texto de 1935 sobre o então descrédito da obra proustiana para criticar as tendências culturais que, em sua visão, ganhavam força: a defesa do homem sadio, coletivista e identificado com o corpo da Nação francesa. Mais uma vez, o protagonista proustiano não parece se encaixar nesses ideais apresentados pelo crítico como marcas da juventude francesa. No fundo, Pierre-Quint identifica o advento de uma nova sociedade incompatível com a busca proustiana pela reconstrução de uma nova humanidade. As relíquias da época anterior, tão louvadas, antes, na obra proustiana, não fariam mais tanto sentido. Se a *Recherche* podia ensinar algo aos jovens de então, seria pelo exemplo negativo.

Essas discussões deflagram, de fato, um descompasso entre as gerações e escancaram o problema da transmissão, o que, de alguma maneira, diz sobre os processos de canonização e monumentalização da literatura. Como a obra de Proust fora tão identificada com aquela conjuntura que foi chamada tanto de *fin-du-siècle* como de *Belle Époque*, a perguntada colocada por tais críticos, como Cattau, dizia respeito ao legado do longo século XIX às gerações posteriores. A passagem do tempo levantou reflexões no sentido de reavaliar, retrospectivamente, o passado que vivido como presente, para tentar entender o que aquele tempo *perdido* poderia ainda contribuir na década citada.

Essas críticas trabalhadas mostram que o horizonte de expectativas mostrava-se nebuloso. O sucesso de outra obra da literatura francesa, na década de 1930, talvez dê alguns indícios da forma como a obra de Proust brigava por um lugar e da visão obscura de um futuro nessa conjuntura. De fato, ir *em busca do tempo perdido*, nesse cenário perdia o sentido, e, ao invés disso, se abria a nebulosa perspectiva de uma *Viagem ao fim da noite*, como sugere o título do livro de Céline, considerado uma das principais obras da literatura francesa, publicada na década de 1930. Semelhantemente ao protagonista de Céline, não havia muita possibilidade de pensar o futuro que não trouxesse consigo uma sensação de morte. Aqui, pode ser observado um eco da própria angústia do crítico Saint-Jean, destacada no início deste artigo: Afinal, qual França seria a do futuro e à qual se pretendia deixar o legado proustiano?

O que ficou demonstrado aqui é que a *Recherche* aparecia como uma obra que falava de outro mundo, não mais reconhecível no presente, o que significava o realce na sensação de ruptura histórica. E, embora esse presente obscuro não desse muitas oportunidades de minimamente antever o futuro, construía a crença de que não se estava mais naquela suposta era dourada. Aquilo que tanto havia seduzido a crítica da publicação original, após a Grande Guerra e ao longo da década de 1920, a visão da *Recherche*, como grande relicário de uma época saudosa, supostamente perdida (mas de alguma maneira passível de ser redescoberta), não parecia mais justificável nos anos 1930. Aquele período, afinal, não era mais sentido como saudoso porque desaparecia, acima de tudo, das memórias.

Tal como destaca Bruno Jouy (1992), a geração de 1930 perdia a fé na busca por um Tempo Redescoberto, o que faz com que fique um pouco mais claro, em termos culturais mais gerais, a defesa dos críticos do método proustiano como legado possível. Afinal, se o objeto proustiano, visto como ultrapassado não parecia ensinar mais nada, seu método quiçá ainda garantisse certa transmissão do legado de Proust naquela conjuntura.

Notas

¹ Forma resumida a partir daqui utilizada para se referir ao romance *A La recherche du temps perdu*.

² Sobre a análise da recepção de Proust e de sua obra no período de sua publicação original, entre 1913 e 1927, ver: HAIDUKE, P. R. A. *A La recherche du temps perdu como uma monumentalização da Belle Époque parisiense*. 2013. Tese (Doutorado) – UFPR, Curitiba, 2013.

³ Livre tradução do original em Francês.

⁴ Em 1894, o capitão do Exército francês Alfred Dreyfus, de confissão judaica, foi acusado e condenado por alta traição, supostamente por estar transmitindo informações secretas do Estado francês ao inimigo, no caso, a Alemanha. Alguns anos depois, deflagrou-se que as provas foram forjadas para condená-lo. Esse processo gerou uma grande tensão social

e política na França, levando à divisão dois grupos: os chamados *dreyfusards*, defensores da inocência do capitão, e que ficaram mais tarde simbolizados como os “intelectuais”, dentre os quais o escritor naturalista Émile Zola, teve destaque central; e os *antidreyfusards*, que defendiam a culpa do capitão, ou que, mesmo aceitando sua inocência, acreditavam que por uma questão de “razão de Estado” ele não poderia mais ser absolvido. Somente em 1906 os julgamentos anteriores foram anulados, e o Capitão Dreyfus alcançou oficialmente a absolvição. Essa tensão social só arrefeceu, de fato, às vésperas da Grande Guerra, quando foi pactuada a chamada União Sagrada. Sobre os debates relacionados ao caso na sociedade e política francesas, ver: (WINOCK, M. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002).

Referências

- ALDEN, D. *Marcel Proust and his french critics*. Los Angeles: Lyman House, 1940.
- BENJAMIN, W. A imagem de Proust. In: _____. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 36-49.
- BERSTEIN, S. L'affrontement simulé des années 1930. *Vingtième Siècle – Revue d'Histoire*, n. 5, p. 39-54, jan./mars 1985.
- BONNET, H.; ÉMIÉ, L. (Dir.). *Bulletin Marcel Proust: défense de Marcel Proust*. Paris: Le Rouge et Le Noir, 1930.
- BOURDIEU, P. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BRASILLACH, R. *Portraits: Barrés. Proust. Maurras. Colette. Giraudoux. Morand. Cocteau. Malraux. Etc. Etc.* Paris: Plon, 1962.
- CATTAUI, G. L'Amitié de Proust avec une préface de Paul Morand et une lettre inédite de Marcel Proust. *Les Cahiers de Marcel Proust*, Paris: Gallimard, n. 8, 1935.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- FEBVRE, L. *O problema da descrença no século XVI: a religião de Rabelais*. Lisboa: Editorial Início, 1970.
- HaiduKE, P. R. A. *A La recherche du temps perdu como uma monumentalização da Belle Époque parisiense*. 2013. Tese (Doutorado) – UFPR, Curitiba, 2013.
- GAY, P. *Modernismo: o fascínio da heresia: de Baudelaire à Beckett e mais um pouco*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.
- JALOUX, E. Marcel Proust. *Revue Hebdomadaire*, Paris, p. 289-309, 21 nov. 1931,
- JAUSS, H. R. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 2010.
- JOUY, B. *Voyage au bout de la nuit: étude d'une réception*. 1992. Thèse (Doctorat) – Université de Bretagne Occidentale, 1992.
- KOSELLECK, R. *O futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. da PUCRio, 2016.
- LACAPRA, D. História e romance. *Revista de História*, Campinas, n. 2/3, p. 107-124, 1991.
- SAINT-JEAN, R. de. L'éloignement de Proust. *Revue Hebdomadaire*, Paris, p. 309-338, 19 nov. 1932.
- SAURAT, D. *Modernes*. Paris: Denoëlet Steele, 1935.
- SEILLIÈRE, E. *Marcel Proust: les essais critiques*. Paris: Nouvelle Revue Critique, n. 25, 1931.
- THIBAUDET, A. *Réflexions sur la critique*. Paris: Gallimard, 1939.
- WINOCK, M. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.